

**Presentismo e obesidade:
entre memórias, testemunhos e histórias de vida**

**Presenteeism and obesity:
through memories, testimonies and life stories**

**Presentismo y obesidad:
entre recuerdos, testimonios y historias de vida**

Mayara Martins da Quinta Alves da Silva

Universidade Federal de Goiás – Goiás – Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7343-3160>

Endereço currículo Plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8457541021900905>

E-mail: mayaraquinta@gmail.com

Ana Carolina Rocha Pessoa Temer

Universidade Federal de Goiás – Goiás – Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2142-5855>

Endereço currículo Plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2424054335258827>

E-mail: anacarolina.temer@gmail.com

Resumo: Este ensaio teórico demarca conceitualmente a importância de se acessar os sentidos da saúde por meio de histórias de vida. A intenção é demonstrar de forma teórica a justificativa, o porquê desta necessidade latente de transformar memórias em narrativas de histórias de vida, aqui especialmente se tratando de histórias de pessoas com obesidade, pauta de relevância social na contemporaneidade. A constituição desta análise reflexiva parte da percepção contextual do *presentismo* e da compressão do tempo-espaco como regime recente de historicidade, da comunicação como constitutiva das dinâmicas sociais e de histórias de vida como construções possíveis para potencializar e publicizar memórias. As justificativas apresentadas como resultado se pautam no direito à memória e na publicação de histórias de vida como maneira de resistir, educar, transformar, romper estigmas e atuar na promoção à saúde.

Palavras-chave: Testemunho. Memória. Comunicação e Saúde. Educação. Obesidade.

Abstract: This essay highlights the importance of the health meanings through life stories. The intention is to theoretically demarcate the justification, the reasons for this latent need to transform memories into narratives of life stories, here especially when dealing with stories of people with obesity, an agenda of social relevance in contemporary times. For the constitution of this reflection, we firstly will start from the contextual perception of presenteeism, also considering in our research the compression of time-space as a recent historicity regime, of communication such as a constitutive of social dynamics and life stories as a possible constructions to enhance and publicize memories. The justifications presented as a result are based on the right to memory, on the publication of life stories as a way of resisting, educating, transforming, breaking stigmas and acting in health promotion.

Keywords: Testimony. Memory. Communication and Health. Education. Obesity.

Resumen: Este ensayo teórico plantea conceptualmente la importancia de acceder a los significados de la salud por medio de las historias de vida. La intención es demostrar teóricamente la justificación, por qué esta necesidad latente de transformar los recuerdos en relatos de historias de vida, aquí especialmente tratándose de relatos de personas con obesidad, agenda de relevancia social en la contemporaneidad. La constitución de este análisis reflexivo parte de la percepción contextual del presentismo y la comprensión del tiempo-espacio como régimen reciente de historicidad; de la comunicación como constitutiva de dinámicas sociales y de las historias de vida como construcciones posibles para valorar y dar a conocer memorias. Las justificaciones presentadas como resultado se basan en el derecho a la memoria y la publicación de historias de vida como manera de resistir, educar, transformar, romper estigmas y actuar en la promoción de la salud.

Palabras llave: Testimonio. Memoria. Comunicación y Salud. Educación. Obesidad.

1 Introdução

Na contemporaneidade, a obesidade passou a ser vista pela comunidade médica como doença, porém trata-se também de um fenômeno social com múltiplos sentidos de existência e de constituição, como é possível comprovar pelo crescimento dos números de pessoas com sobrepeso/obesidade no Brasil e no mundo. De fato, o país já apresenta dados que comprovam que a maioria da população está com sobrepeso (55,4%) e mais de 20% com obesidade (ABESO, 2022). A Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica (ABESO) relata uma projeção de que “Em 2025, a estimativa é de que 2,3 bilhões de adultos ao redor do mundo estejam acima do peso, sendo 700 milhões de indivíduos com obesidade, isto é, com um índice de massa corporal (IMC) acima de 30.” (ABESO, 2022, p. 1).

Neste cenário, é importante considerar que o ato de projetar uma realidade, falar sobre um futuro possível - como as possibilidades futuras para o fenômeno da obesidade -, parte sempre de uma apreensão sobre o presente. Fica, então, a questão: qual presente é hoje apresentado?

Este ensaio teórico parte da concepção de que os diferentes *regimes de historicidade*¹ configuram diferentes percepções sobre o presente/passado/futuro e de que, na contemporaneidade, o regime vivenciado é conceituado como *presentismo* (HARTOG, 2014). O *presentismo* se ampara na compreensão de que a crise na noção do tempo, decorrente da aceleração nas subjetividades do tempo-espço, resultam em um cenário em que, se tudo o que importa é o aqui-agora, o presente se torna constante e, como consequência, não há validade no passado e o futuro passa a ser apenas uma repetição do agora vivido, justificando as projeções de continuidade e repetição das dinâmicas sociais. A partir dessa concepção, Hartog (2014) delimita a noção de supremacia do presente:

Pouco a pouco, contudo, o futuro começava a ceder terreno ao presente, que ia exigir cada vez mais lugar, até dar a impressão recente de ocupá-lo por inteiro. Entrávamos então em um tempo de supremacia do ponto de vista do presente: aquele do presentismo, exatamente. (HARTOG, 2014, p. 142).

O *presentismo* aqui atribuído à contemporaneidade, é o regime do imediatismo, da velocidade perpétua das dinâmicas em que o passado e o futuro perdem sentido, e o horizonte é o próprio presente (HARTOG, 2014). É a partir deste contexto que se deve buscar interpretações para a maneira que os sentidos da saúde e da obesidade se estabelecem dentro desse regime:

O futurismo deteriorou-se sob o horizonte e o presentismo o substituiu. O presente tornou-se o horizonte. Sem futuro e sem passado, ele produz diariamente o passado e o futuro de que sempre precisa, um dia após o outro, e valoriza o imediato. Os sinais dessa atitude não faltaram. Assim, a morte tem sido cada vez mais escamoteada. (HARTOG, 2014, p. 148).

Este ensaio se pauta nas interpretações críticas sobre o conceito do *presentismo* para compreender como os sentidos da saúde e, mais especificamente, da obesidade, se

¹ Neste ensaio, compreende-se o conceito *regime de historicidade* como a forma de experiência e relação dos indivíduos sociais com o tempo e a articulação entre suas categorias (passado/presente/futuro) e que sejam formas dominantes/normativas a depender do período e contexto histórico referenciado (HARTOG, 2014).

estabelecem. O objetivo é demarcar de que forma o *presentismo* enquanto regime de historicidade da contemporaneidade e a compressão do tempo-espaço típica desta temporalidade (HARVEY, 2016) impactam na concepção sobre obesidade, a partir da premissa de que o regime de historicidade presente determina um cenário de multiplicação de testemunhos em que os relatos biográficos e as experiências individuais ganham cada vez mais destaque e espaço (SACRAMENTO, 2018).

Com o estabelecimento das relações entre *presentismo* (HARTOG, 2014) e o alargamento do espaço biográfico (SACRAMENTO, 2018), este ensaio irá demarcar os motivos e a importância de testemunhar na *era da testemunha*² (SACRAMENTO, 2018). Isto é, quais as razões acadêmicas, sociais e políticas para fazer com que memórias individuais se tornem histórias de vida contadas, publicizadas, em um presente em que os testemunhos são tão disseminados e numerosos. As histórias de vida podem ser compreendidas como relatos, testemunhos sobre a própria vida narrados³ durante um ou mais encontros, é estabelecida a partir da noção do vínculo entre recordador e entrevistador e elaborada em uma construção coletiva, mas sem perder de vista o protagonismo do entrevistado já que sua estrutura de base são as lembranças, a memória individual (BOSI, 1979). Com isso em vista, serão delineados, inicialmente, conceitos determinantes para compreensão das relações entre os regimes de historicidade e seus imbricamentos na vida social, na constituição da saúde individual e coletiva e no vínculo com a obesidade.

2 Sentidos da saúde e da obesidade no *presentismo*

Dada a concepção sobre o *presentismo*, compreender os sentidos atribuídos à saúde passa por compreender a ambiência e o regime de historicidade vivenciado em determinado contexto. Nesse âmbito, de buscar interpretações sobre quais os sentidos delineados à respeito da obesidade no cenário do *presentismo*, é também possível visualizar as maneiras como o regime de historicidade está intrinsecamente conectado

² Apesar de Sacramento (2018, p. 126) destacar que o termo *era da testemunha* surge quando cunhado por Annette Wieviorka “quando abordou os testemunhos sobre o Holocausto”, aqui, o termo é utilizado em referência ao que Sacramento (2018) denomina *mudança histórica* do conceito e, portanto, é referenciado conforme designado por Sacramento (2018) e não em referência à abordagem inicial de Annette Wieviorka.

³ As histórias de vida são gravadas durante os encontros e podem ser publicadas em formato textual, sonoro ou audiovisual, a depender do método e da intencionalidade para a reprodução do relato narrado.

com o comportamento humano normativo em cada época e, conseqüentemente, na forma como as pessoas irão compreender e se relacionar com a saúde individual e coletiva: como se alimentam, como se vestem, como deslocam, como se comunicam, como atuam sobre o meio e todas as outras dinâmicas relacionais do cotidiano social. Essa conexão se dá devido a imediação entre o regime de historicidade e o comportamento humano, uma vez que o *presentismo* evidencia a dinâmica comportamental decorrente do *espírito do tempo*⁴, e conseqüentemente atua na consolidação do fenômeno social da obesidade o que, por sua vez, impacta no aumento constante do número de pessoas com sobrepeso/obesidade.

Sobre a forma se relacionar com o tempo e o espaço, e conseqüentemente as possibilidades comportamentais e conseqüências oriundas dessa relação, Harvey (2016) explica que, apesar da maneira de lidar com o tempo ser naturalizada em decorrência do uso de escalas objetivas e rotinas, eventualmente se evidencia a subjetividade da relação com o tempo quando, por exemplo, um minuto aparenta demorar horas ou uma hora passa como num minuto, a depender das ações e das experiências vividas naquele instante:

O espaço e o tempo são categorias básicas da existência humana, E, no entanto, raramente discutimos o seu sentido; tendemos a tê-los por certos e lhes damos atribuições do senso comum ou autoevidentes. Registramos a passagem do tempo em segundos, minutos, horas, dias, meses, anos, décadas, séculos e eras, como se tudo tivesse o seu lugar numa única escala temporal objetiva. Embora o tempo na física seja um conceito difícil e objeto de contendas, não costumamos deixar que isso interfira no nosso sentido comum do tempo, em torno do qual organizamos rotinas diárias. (HARVEY, 2016, p. 187).

Neste campo da subjetividade, Hartog (2016) aloca os diferentes regimes de historicidade e as variadas formas de relação do ser social com o passado/presente/futuro. A partir dos anos de 1960, essa subjetividade relacional (HARVEY, 2016) é evidenciada com o conceito de compressão e destruição das barreiras de tempo-espaço:

Embora as respostas econômicas, culturais e políticas possam não ser exatamente novas, o seu âmbito difere, em certos sentidos importantes, das que foram dadas antes. A intensidade da compressão do tempo-espaço no capitalismo ocidental a partir dos anos 60, com todos os seus elementos

⁴ Neste ensaio, o conceito de espírito do tempo é delimitado como especificidades da dinâmica social que se modificam no tempo-espaço a depender do regime de historicidade vivenciado e da ambiência cultural, que realmente atua como um espírito, uma projeção de horizonte “um ‘ser das distâncias’ que projeta sua existência nos alhures imaginários” (MORIN, 2009, p. 178).

congruentes da efemeridade e fragmentação excessivas no domínio político e privado, bem como social, parece de fato indicar um contexto experimental que confere à condição da pós-modernidade o caráter de algo um tanto especial. (HARVEY, 2016, p. 276).

Para Harvey (2016), os novos regimes temporais delimitados a partir de 1960 demonstram a compressão do tempo-espaço em uma dinâmica de instantaneidade, uma “redução do tempo de giro”, situação na qual a pressão advinda da acumulação do capital fica mais evidente e o um fluxo da superacumulação gera a estetização do mundo. A “estética triunfou sobre a ética”, descreve Harvey (2016, p. 293).

A noção de *presentismo* (HARTOG, 2014) também prevê a instantaneidade, efemeridade e fragmentação, elementos referenciados por Harvey em 2016. No entanto, as subjetividades referentes ao *presentismo* sofreram com o atravessamento da chegada da pandemia de COVID-19⁵, uma vez que sua continuidade modificou - diretamente e de forma quase súbita - a forma como o ser social passou a se relacionar com o tempo-espaço:

Como caracterizar, de maneira forçadamente esquemática, o estado do nosso presente? De que nós de temporalidades diferentes, que se cruzam, se sobrepõem, se opõem, se origina a resultante sempre mutável, antes que aconteça o choque da epidemia? Está, na verdade, em disputa, se - não desmembrado, entre várias temporalidades. A fase conquistadora e otimista do presentismo, aquele que acontecia há vinte ou vinte e cinco anos, ficou para trás. Hoje, o que se tem é a desordem no presentismo. Denunciamos o seu caráter de curto prazo, e avaliamos os estragos que causou. O que não impede que, ao mesmo tempo, a extensão do digital, em suas múltiplas declinações, onde a unidade de medida é o nanosegundo, incentive ou force tanto os indivíduos quanto as instituições a viver cada vez mais sob o regime do imediatismo. (HARTOG, 2021, p. 10).

Hartog (2021) é cuidadoso ao abordar as mudanças na apreensão do tempo-espaço em momento pandêmico por compreender que a desordem no *presentismo*, quando oriunda do momento de crise, modifica a relação com o tempo, mas não dissolve o regime de historicidade. O autor deixa em aberto um questionamento sobre a projeção do futuro e a possibilidade de uma nova apreensão de tempo, um “tempo novo” (HARTOG, 2021, p. 14). Ainda sobre a pandemia, Hartog (2021) destaca o conflito de temporalidades: paralelamente

5 A emergência de saúde pública em decorrência do coronavírus (SARS-CoV-2) foi declarada em 30 de janeiro de 2020. Em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a pandemia de COVID-19 (doença ocasionada pelo coronavírus) em decorrência da importância da distribuição geográfica da doença (OPAS, 2023). O atravessamento da relação entre tempo-espaço que Hartog (2014) se refere, nesse aspecto, diz respeito às estratégias para frear a propagação do vírus que acarretaram medidas como o distanciamento social e, por consequência, novas formas de relação e interpretação de tempo-espaço.

ao tempo em que vida comum parou (trabalho, escola, lazer) com o confinamento, o *presentismo* ambiente foi reforçado, por exemplo, pelas práticas de trabalho remoto. Outras temporalidades possíveis também se cruzam na mesma ambiência, como o tempo da economia e o tempo da doença que tem seu ritmo próprio.

O exemplo do atravessamento da pandemia na percepção sobre tempo-espaço é capaz de evidenciar como os sentidos da saúde também variam em decorrência das diferentes temporalidades e, por consequência, os sentidos da obesidade. As novas formas comportamentais também afetaram as pessoas que, em confinamento, passaram a se alimentar de maneiras distintas, eventualmente deixando de praticar exercícios físicos e mudando a rotina individual. Esses comportamentos têm impactos, uma mudança que é, ao mesmo tempo, individual e coletiva, mas que indistintamente potencializa os efeitos da obesidade por meio do que Poulain (2019, p. 85) denomina “perturbações do comportamento alimentar”, com o potencial de afetar sincronicamente taxas de obesidade, de desnutrição e insegurança alimentar. Essas mudanças de comportamento, como práticas materiais da experiência humana, acontecem dentro da perspectiva de espaço e tempo:

As práticas materiais de que os nossos conceitos de espaço e de tempo advêm são tão variadas quanto a gama de experiências individuais e coletivas. O desafio consiste em cercá-las de algumas estruturas interpretativas gerais que vençam o hiato entre a mudança cultural e a dinâmica da economia política. (HARVEY, 2016, p. 195).

As mudanças que decorrem dos diferentes tipos de temporalidades demonstram a subjetividade da experiência e das percepções sobre o tempo-espaço (HARVEY, 2016). Entender essas dinâmicas é tarefa árdua já que as relações entre ser social, espaço e tempo são complexas (MORIN, 2011). Porém, ao visualizar os vestígios individuais e coletivos soerguidos através de “estruturas interpretativas” (HARVEY, 2016, p. 195), é possível perceber que as mudanças nos processos sociais e da saúde vivenciadas no *presentismo* (HARTOG, 2014) impulsionaram a ampliação do espaço biográfico (SACRAMENTO, 2018).

Esses relatos também são ampliados no campo da saúde, causando uma multiplicidade de sentidos na sua circulação simbólica. Em um contexto de aceleração do tempo-espaço e de exaltação do individual em detrimento do coletivo, se robustece a

supervalorização dos testemunhos e do culto à memória. Nora (1993, p. 7), ao tratar da aceleração da história e dos consequentes lugares de memória, satiriza ao dizer que “Fala-se tanto de memória porque ela não existe mais”.

Sacramento (2018) evidencia que, na *era da testemunha*, os relatos eventualmente ganham um valor de *ethos terapêutico* em pessoas cada vez mais focadas na necessidade de autorrealização e na busca de um inalcançável equilíbrio permanente; uma obrigatoriedade simbólica em se mostrar saudável a todo tempo em um contexto em que qualquer desequilíbrio deve ser rapidamente solucionado e o sofrimento duradouro não é socialmente bem-visto. Abib e Sacramento (2021) destacam que esse valor de *ethos terapêutico* dos relatos tem um forte viés de superação desses indivíduos, as histórias de triunfo, de vitória que realçam a superação individual das doenças se tornam cada vez mais constantes, dinâmica que também impacta na maneira do ser social de existir e se relacionar com o mundo e nas novas configurações da saúde, da maneira como o processo saúde-doença é entendido no século XXI (ABIB; SACRAMENTO, 2021). Essa necessidade de conquista característica da contemporaneidade circula um sentido de que:

(...) o *ethos terapêutico* se apresenta como um dispositivo da cultura que exige dos indivíduos alcançarem formas de bem-estar e felicidade plenas como partes de um processo de autorrealização. Nesse sentido, por exemplo, o relato da experiência com a doença se desloca de uma concepção de doença como um enfraquecimento do indivíduo e passa a se configurar como um ponto zero. Nele, o sujeito é convocado a rever seus hábitos e seu estilo de vida, encarando a doença como uma oportunidade para o autoconhecimento e para o autoaprimoramento, e também como algo a ser superado para a conquista da felicidade plena. (SACRAMENTO; ABIB; 2021 p. 5)

Esse sentido que a doença adquire no *presentismo* impacta diretamente na compreensão do fenômeno social da obesidade. A pessoa com obesidade é considerada desviante (POULAIN, 2013) enquanto o corpo magro é alçado à simbologia do equilíbrio, do êxito, o corpo ideal para a autorrealização. Essa memória predominante no “tecido social” (ABIB; SACRAMENTO; 2021 p. 5) beneficia a comercialização de bens simbólicos e materiais com foco no emagrecimento ou na manutenção da magreza, enquanto a obesidade circula como potencial risco à saúde.

Assim, as histórias de pessoas que superaram a obesidade se tornam marcos individuais de como se comportar, experiências dignas de serem narradas e compartilhadas. Já os indivíduos que se afastaram do considerado peso-saúde são responsabilizados pelo fracasso, que é materializado no sobrepeso. Neste contexto temporal em que as histórias de vida são numerosas e constantes, Harvey (2016, p. 195) percebe nos testemunhos uma possibilidade de análise, de visualizar trilhas de vida, que acabam formando um “corpo de informações útil para a consideração da dimensão tempo-espacial das práticas sociais.”. Ou seja, por meio de um trabalho analítico sobre as memórias, é possível traçar modelos que demonstrem como o ser social se relaciona com o tempo e, assim, entender hábitos, estilos de vida e as formas de percepção do processo saúde-doença e do fenômeno social da obesidade. Consideradas tais relações sobre o valor dos testemunhos delimita-se, então, a importância das entrevistas de histórias de vida como estratégias pontuais a serem consideradas no combate à obesidade.

3 Entrevistas de história de vida e a luta contra a obesidade

Visto o regime de historicidade que demarca o *presentismo* e a *era da testemunha*, no qual o indivíduo ganha destaque perante um coletivo que se esvai em um mar de testemunhos, é possível questionar: para quem testemunhar na *era da testemunha*? Seria então a entrevista de história de vida de uma pessoa com obesidade apenas mais uma história e que não apresenta validade, ou que pode se perder neste oceano de histórias?

Inicialmente, é importante o destaque de que toda história de vida tem validade, o valor da vida é intrínseco ao valor de sua memória. Não há história de vida que não possa ser contada; independentemente da temporalidade vigente e do contexto geográfico/cultural, todas e todos têm direito à memória, ainda que a memória social reproduza perspectivas dominantes, uma vez que vozes silenciadas circulam apenas no âmbito privado ou íntimo. Sobre isso, Sacramento (2018) destaca o valor de ferramenta política e o potencial de denúncia que os testemunhos adquiriram:

Embora a proeminência do testemunho atualmente seja muitas vezes relacionada ao desenvolvimento das tecnologias de mídia que sustentam e expandem a cultura da autoexposição que tornam as narrativas de primeira pessoa tão atraentes, também é o resultado da transformação do testemunho em parte do processo da produção da subjetividade e da

política contemporâneas. Além dos fatores mais aparentes descritos acima, o testemunho deve sua proeminência como uma ferramenta política aos aparelhos interpretativos em que foi incorporada e ao raciocínio ético a que deu origem, que evoluiu conjuntamente com os dilemas de testemunhar e as controvérsias que desencadeou. O testemunho tem sido frequentemente acionado como uma forma de denúncia, de ação política, baseada na experiência pessoal. (SACRAMENTO, 2018, p. 7).

É este acionamento político que ampara a necessidade de se compartilhar histórias das pessoas com sobrepeso/obesidade. Mas, como fazê-lo? A resposta perpassa a possibilidade de destacar os *valores das entrevistas de história de vida* ou “(O que fazer com) A voz do outro”, em especial seus usos analíticos e/ou científicos (ARFUCH, 2010, p. 253).

A entrevista de história de vida passa por procedimentos metodológicos que se assemelham a entrevistas convencionais ou mesmo entrevistas em profundidade, mas os elementos que a diferenciam são determinantes e por isso constituem uma nova categoria.

A produção da entrevista de história de vida não se limita apenas à instrumentalização de seus procedimentos metodológicos para execução. Os elementos teórico-metodológicos e mesmo ideológicos relacionados destacam uma necessidade reflexiva anterior à prática, um pano de fundo que agrega valores intrínsecos aqui designados em quatro categorias fundamentais alicerçadas em alguns valores⁶ diagnosticados por Arfuch (2010), porém reinterpretados e aqui conceituados como: valor biográfico, valor de vínculo, valor de inferência e valor existencial.

O *valor biográfico* é o próprio valor da produção da entrevista, que é o instrumento que proporciona a transformação da memória em história narrada. No valor biográfico, está contido o direito à memória; toda história tem importância e é a partir da entrevista que ela é exteriorizada como testemunho de história de vida. Neste contexto, não importa a veracidade do que é biografado, o valor está no contar, na narração, no tornar público “(...) essa percepção da vida e da identidade, de nós mesmos e dos outros, como uma unidade apreensível e transmissível, um fio que vai se desenvolvendo numa direção, *a ilusão biográfica*” (ARFUCH, 2010, p. 255, grifo do autor), o valor do caráter narrativo das experiências:

⁶ Como valores diagnosticados, compreende-se qualidades que remontam a importância das entrevistas de história de vida e que aqui foram categorizadas no que considerei as grandezas de relevâncias, as percepções contextuais principais e que fazem da história de vida um universo simbólico a parte dentro dos estudos sobre memória e história oral.

O conceito de Ricoeur de *identidade narrativa* adquire também relevância nesse contexto, na medida em que permite situar-se diante dessa, igualmente *impossível*, mas *necessária*, narração dos outros, com uma expectativa talvez menos ambiciosa quanto à “verdade” dos ditos - sempre suscetíveis de serem confrontados com a variedade de documentos -, mas mais atenta à *materialidade mesma do dizer*, à expressão, às modulações, aos lapsos, aos silêncios, às alterações da voz... (ARFUCH, 2010, p. 257).

O momento de exteriorização das subjetividades que se materializam em histórias tem em seu valor biográfico algo que excede o verdadeiro, o verossímil ou o fictício, é um valor contido no detalhe, no fazer, na importância da unicidade, na singularidade daquele momento.

Como segundo ponto, considera-se o *valor de vínculo*, da interação, elemento citado por Arfuch (2010) que torna a história de vida única e a faz digna de ser entendida como categoria à parte, não podendo ser considerada apenas como uma entrevista em profundidade. Na história de vida, o vínculo construído entre narradora/narrador e entrevistadora/entrevistador é um vínculo pautado na importância dialógica daquela construção. É um vínculo que busca o estabelecimento da comunicação ideal, da troca, da circulação simbólica com filtros reduzidos, um ambiente em que quem narra sabe que será ouvido livremente e quem media a exteriorização desta história - entrevistadora/entrevistador - o faz em um contexto em que a importância atribuída àquele momento e àquela conexão a difere de uma entrevista ordinária ou com intenções utilitárias direcionadas. Não é uma entrevista de averiguação da veracidade de um fato, da complementação de uma história outra, é uma entrevista em que importa o momento, o vínculo que trará à exterioridade uma história contada, e que só o é daquela forma pela aura daquele momento de conexão. Bosi (1979) detalha a importância do vínculo na construção do clássico *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*:

O principal esteio de meu método de abordagem foi a formação de um vínculo de amizade e confiança com os recordadores. Esse vínculo não traduz apenas uma simpatia espontânea que se foi desenvolvendo durante a pesquisa, mas resulta de um amadurecimento de quem deseja compreender a própria vida revelada do sujeito. (BOSI, 1979, p. 2).

Em terceiro ponto, estão detalhes significantes (os vestígios), que aqui estão designados na categoria de *valor de inferência*, que pode auxiliar a encontrar os traços entre subjetividade e materialidade através dos detalhes significantes, já que “Uma

biografia bem escolhida, pode-se pensar, cheia de detalhes significantes, é suscetível de funcionar como caso emblemático e iluminar por si própria um vasto território da trama social” (ARFUCH, 2010, p. 255). O cuidado que deve ser tomado é a percepção de que o *valor de inferência* funciona como uma possibilidade de encontrar pistas sobre espectros do real que permitam interpretação, mas que a verdade ali descrita é construída a partir das subjetividades individuais alicerçadas no tempo-espaço, mas que, como individuais, são também coletivas, como uma troca ininterrupta entre o público e o privado, o individual e o coletivo.

Por fim, o valor se encontra dentro da complexidade dialógica e existencial no, aqui designado, *valor existencial*, que é a potencialidade da própria vida condensada em testemunho, em um recorte do presente, na “trama narrativa” dos sentidos (ARFUCH, 2010, p. 261). Se o *valor biográfico* é o valor do contar, do fazer relativo à entrevista e ao processo de materialização das histórias, o *valor existencial* se relaciona ao dito, ao contado, àquela memória que, agora publicizada, pode ser tornar coletiva, pública. Essa percepção do *valor existencial* demonstra a multidimensionalidade da memória que é proporcional à multidimensionalidade do ser social em sua complexidade, por ser fruto do indivíduo e suas significações; é, a história contada, um recorte desta complexidade condensadora de diversas de suas facetas inacabadas e inter-relacionadas ou, como destaca Morin (2011, p. 68), “Se você tem o senso da complexidade, você tem o senso da solidariedade. Além disso, você tem o senso do caráter multidimensional de toda realidade.”.

Neste contexto dos valores principais que justificam a importância das entrevistas de história de vida (em especial aqui associadas às histórias sobre obesidade), evidencia-se que todos se amparam no direito à memória e que a construção destes testemunhos atua como forma de resistência do corpo gordo, que precisa ocupar espaço dentro da memória coletiva com perspectivas não estigmatizadas e que verdadeiramente contemplem a existência destes corpos.

O corpo gordo, com sobrepeso/obesidade, tem sofrido historicamente em diferentes cenários de tempo-espaço. A gordofobia circula ódio e rejeição em um contexto em que, apesar de maioria numérica, corpos gordos lutam pelo direito de existir em uma sociedade construída para corpos magros. O deslocamento nas cidades, as vestimentas, os serviços de saúde, os

espaços públicos e privados se organizam e se estruturam para os corpos magros, onde as poucas adaptações são fruto de conquista de mobilização civil, mas que ainda são meras adaptações em um cenário produzido para magreza como padrão normativo, dentro das lógicas neoliberais do corpo magro como capital simbólico dominante e nicho de mercado.

Entrevistar pessoas com obesidade e tornar público seus relatos neste cenário da magreza dominante é estratégia de resistência, de contrapoder⁷, de educação e de promoção à saúde ao considerar que as representações da consciência atual das entrevistadas e entrevistados ajudam na construção da memória coletiva, na alteração da percepção no presente para lembrar o passado, já que a reconstrução desse passado se passa no presente. “O simples fato de lembrar o passado, *no presente*, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista.” (BOSI, 1979, p. 17).

Esse ponto de vista estabelecido nas entrevistas de história de vida possibilita a reconstrução e ressignificação da memória narrada sobre as experiências do passado que são repensadas com imagens do agora (sendo o agora o momento da entrevista), é o “ato de rememoração” previsto por Barbosa (2017, p. 19):

O ato de rememoração está encravado em ordens temporais, num enredo de uma história de vida que se atualiza na memória dos que ainda lembram das gerações passadas, construindo fluxos encadeados de memória que reatualizam permanentemente a narrativa vivida. Mas a maneira como se recupera estes fios efêmeros se inscreve em modos de lembrança comuns a um lugar cultural, que aciona maneiras de valorizar ou encobrir o passado. São enredos narrativos que constituem uma memória entremeada em tramas temporais. (BARBOSA, 2017, p. 19).

Essa rememoração é, em si, um instrumento de transformação do fenômeno para quem narra, já que “A memória não é sonho, é trabalho. Se assim o é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado ‘tal como foi’, e que se daria no inconsciente de cada sujeito.” (BOSI, 1979, p. 17), até mesmo porque o ‘tal como foi’ não importa no momento de reviver e a potência de transformação de lembranças é um dos principais valores contidos na entrevista de história de vida que tem, em si, o valor de *ethos terapêutico* previsto por Sacramento (2018).

⁷ Sobre as dinâmicas de poder e contrapoder, especialmente nos aspectos comunicacionais, de circulação simbólica referidos ler Moraes (2013).

Considerações Finais

As percepções sobre temporalidade, sobre o *presentismo* como dinâmica de aceleração da relação do ser social com o tempo-espço, da fugacidade e massividade das demandas informacionais e da comunicação como central na constituição dos fenômenos, geram um panorama contextual que possibilita compreensão sobre muitos processos e objetos da atualidade, assim como desvenda e motiva facetas do fenômeno social da obesidade.

Na contemporaneidade afinada ao processo de aceleração do *presentismo*, a circulação simbólica do corpo magro, cada vez mais evidenciada e multiplicada, entra em conflito com os números, uma vez que, em um regime de oposição, os números de pessoas com sobrepeso e obesidade continuam gradativamente aumentando.

Essa dualidade entre circulação simbólica/materialidade demonstra que a comunicação não é instrumental, mas fundadora dos fenômenos sociais. Validar o corpo magro como corpo normativo nas memórias divulgadas socialmente não significa materializar uma população da magreza. A exaltação do corpo magro como única alternativa para a felicidade e como sinônimo de saúde, reduzido à dualidade saúde-doença, dissemina uma lógica reducionista, incorreta e potencializadora da estigmatização da pessoa com sobrepeso/obesidade, contribuindo para o agravamento do fenômeno.

Na chamada *era da testemunha* e do alargamento do espaço biográfico (SACRAMENTO, 2018), o *presentismo* como temporalidade otimizadora e multiplicadora de testemunhos torna latente a importância moral dos estudos e reflexões sobre comunicação e memória, das potencialidades do diálogo entre estudos biográficos e o campo da comunicação e da memória para pensar os sentidos da saúde e os sentidos da obesidade. Entender essa complexidade multidimensional da construção dos sentidos sobre obesidade é um caminho para educar e circular novas ordens simbólicas, uma vez que “a produção de imagens e de discursos é uma faceta importante de atividade que tem de ser analisada como parte integrante da reprodução e transformação de toda ordem simbólica” (HARVEY, 2016, p. 321). Essa produção de imagens e discursos podem ser materializadas dentro dos testemunhos de história de vida de pessoas com obesidade, que vivem o cotidiano do corpo com obesidade e podem narrar a partir da experiência.

Uma vez que pensar o presente é também pensar o comunicacional e visualizar novas possibilidades para outros presentes/futuros, a comunicação como constitutiva das dinâmicas sociais é basilar para composição interpretativa sobre o processo saúde-doença. Barbosa (2017) destaca a importância das pesquisas da comunicação para entender e interpretar as temporalidades contemporâneas, uma vez que as pesquisas são pautadas em fenômenos da história presente e do *tempo passando* (BARBOSA, 2017); neste sentido, as pesquisas em comunicação que contemplam histórias de vida possibilitam tal ato interpretativo. Considerando o fato de que “a explicação e a interpretação sobre os processos em curso são quase que obrigatoriamente uma reflexão em torno do comunicacional.” (BARBOSA, 2017, p. 4), analisar o presente nos testemunhos de história de vida de pessoas com obesidade é analisar o comunicacional.

Se a memória da pessoa com obesidade não se transformar em história narrada e compartilhada para ocupar espaço dentro da memória coletiva, a projeção de futuro é de repetição de um presente em que há a cristalização simbólica do corpo magro alçado ao patamar de superação, de ideal de autoestima, na contrapartida do corpo gordo estigmatizado como sinônimo de derrota, produto de um ser social sem vontade, inapropriado, desviante (POULAIN, 2013) culpado ou, ainda, culpabilizado por seu sobrepeso. Neste processo de culpabilização da vítima, a gordofobia retira do Estado a responsabilidade sobre a saúde do indivíduo.

O surgimento destes testemunhos pode demonstrar as singularidades nas histórias de vida de pessoas com sobrepeso/obesidade, apontando que questões estruturais não podem ser reduzidas à comportamento. Relacionar a obesidade apenas ao estilo de vida e aos hábitos individuais da pessoa com sobrepeso/obesidade faz com que haja o apagamento dos problemas estruturais, como a desigualdade social e a ausência de políticas públicas efetivas de combate à obesidade e de promoção à saúde.

Acrescenta-se ainda que a multiplicidade quantitativa de testemunhos da *era da testemunha* não está imediatamente relacionada com uma multiplicidade de sentidos. Se a maioria dos testemunhos continuam reafirmando padrões de estigmatização, o caminho para circular novos sentidos está no valor de existência destes relatos e no próprio direito de existir das pessoas que fogem ao padrão desejado. Sobretudo, estes relatos reforçam a capacidade destes grupos de ocupar espaços materiais e imateriais na sociedade e de buscar por padrões normativos mais democráticos e inclusivos.

Referências

ABESO, Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica. *Mapa da Obesidade*. 2022. Disponível em :<https://abeso.org.br/obesidade-e-sindrome-metabolica/mapa-da-obesidade/>. Acesso em: 7 ago. 2022.

ABIB, Roberto; SACRAMENTO, Igor. O ethos de um guerreiro: o testemunho de Reynaldo Gianecchini sobre o câncer. *Intexto*, Porto Alegre, n. 52, e-93786, jan./dez. 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/93786>. Acesso em: 11 ago. 2021

ARFUCH, Leonor. *O Espaço Biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BARBOSA, Marialva C. Comunicação: uma história do tempo passando. *Revista Transversos*, p. 98–118, 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/view/30932/22496>. Acesso em: 11 ago. 2022.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

HARTOG, François. Desordem no Presentismo: o tempo da Covid-19. *Revista Comunicação e Memória*. n. 1, p. 8-15, mar. 2021. Disponível em: https://revistacm.memoriadaeletricidade.com.br/uploads/Revista_Comunicacao_e_Memoria_ano_01_mar_01_pdf_2898419278.pdf. Acesso em: 11 ago. 2022.

HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2014.

MORAES, Denis de (Org.) *Mídia, poder e contrapoder: da concentração monopólica à democratização da comunicação*. São Paulo: Boitempo, 2013.

MORIN, Edgar. *Cultura de Massa no Século XX - O Espírito do Tempo: Neurose*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 2009.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011.

NORA, Pierre. *Entre memória e História: a problemática dos lugares*. Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 11 ago. 2022.

OPAS, Organização Pan-Americana da Saúde. *Histórico da pandemia de COVID-19*. 2023. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em 13 jun. 2023.

POULAIN, Jean-Pierre. *Sociologia da Obesidade*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2013.

SACRAMENTO, Igor. A era da testemunha: uma história do presente. *Revista Brasileira de História da Mídia*, v. 7, n. 1, p. 125-140, 2018.

SACRAMENTO, Igor. O espetáculo do trauma: narrativas testemunhais de celebridades sobre o bullying num programa de TV. *Contracampo*, v. 35, n. 2, 2016. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17577/pdf>. Acesso em: 11 ago. 2022.

SACRAMENTO, Igor; SANTOS, Alan; ABIB, Roberto. A saúde na era da testemunha: experiência e evidência na defesa da hidroxicloroquina. *Revista Comunicação, Cultura e Sociedade*, v. 7, p. 3, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ccs/article/view/5087>. Acesso em 11 ago. 2022.

Recebido em 13 de dezembro de 2022.

Aprovado em 14 de junho de 2023.